



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB

CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA

LILIAN DE ARAUJO RODRIGUES

ANÁLISE DE GÊNERO: UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CAMPINA GRANDE

2015

LILIAN DE ARAUJO RODRIGUES

ANÁLISE DE GÊNERO: UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Departamento de Educação, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento às exigências legais para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Elvira Bezerra Pessoa

CAMPINA GRANDE, PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R696a Rodrigues, Lilian de Araujo
Análise de gênero [manuscrito] : uma experiência na educação infantil / Lilian de Araujo Rodrigues. - 2015.
44 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Profa. Dra. Elvira Bezerra Pessoa,
Departamento de Pedagogia".

1. Educação Infantil 2. Análise de Gênero 3. Prática
Pedagógica I. Título..

21. ed. CDD 372

LILIAN DE ARAUJO RODRIGUES

Análise de gênero: Uma experiência na Educação Infantil

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento às exigências legais para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

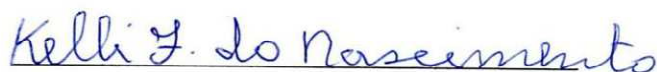
Aprovada em: 19/06/2015

BANCA EXAMINADORA:

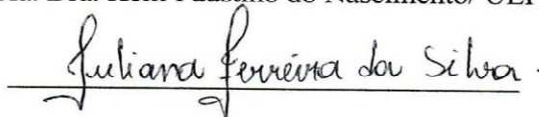


Profa. Dra. Elvira Bezerra Pessoa/ UEPB

(orientadora)



Profa. Dra. Kelli Faustino do Nascimento/ UEPB



Profa. Ms^a. Juliana Ferreira da Silva/ UFCG

CAMPINA GRANDE, PB

JUNHO DE 2015

DEDICATÓRIA

A minha família, meu companheiro e a todos que amo...

AGRADECIMENTOS

Concluo essa etapa da minha vida, agradecida por todas as vivências durante o período de formação acadêmica. Muitos foram bons, outros foram pesados, contudo, necessários para meu crescimento.

Agradeço em primeiro lugar a Deus por seu infinito amor e misericórdia, ter me guiado durante toda a minha vida, e em especial durante os cinco anos de graduação, assim como também por ter me dado sabedoria para poder elaborar o trabalho de conclusão de curso.

Agradeço a minha família, por ter sido a minha base de formação, me incentivando a não desistir dos meus sonhos, e me dando apoio sempre que necessário durante esses vinte e sete anos da minha vida.

Aos parentes que acreditaram na minha capacidade, e me deram força pra seguir em frente quando as minhas já estavam se acabando.

Agradeço também ao meu companheiro Danilo, que me incentivou a buscar conhecimentos e a não desistir dos meus objetivos. Assim como também, caminhou comigo durante os cinco anos de curso, tendo paciência nos momentos em que não pude dá-lhe a devida atenção.

Aos amigos que me apoiaram e comemoraram a vitória que foi eu conseguir concluir o curso de pedagogia.

Aos companheiros de sala que foram imprescindíveis para que eu tenha chegado até aqui. Pois foram companheiros fiéis, na alegria, na dor, na tristeza e em todos os momentos. Viviane, Érica, José Erisvando e Luciana: vocês foram 10!

Além desses, gostaria de prestar agradecimento aos professores do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), uma vez sendo fonte de conhecimento e de crescimento para mim enquanto profissional da área de educação, e mais especificamente, da educação infantil. Em especial a minha orientadora Elvira Bezerra Pessoa pelo apoio, dedicação e pela paciência para com a minha pessoa durante o período de realização desse trabalho, como também durante disciplinas por ela ministradas ao longo do curso.

EPÍGRAFE

“A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.”

Hanna Arendt

RESUMO

O presente trabalho aborda uma reflexão de gênero na prática pedagógica da educação infantil a partir de momentos onde brinquedos e brincadeiras se fazem presentes. Enfocando o papel da escola e das docentes no que concerne a temática do gênero. As questões de gênero foram abordadas, levando em consideração a experiência em salas de aula de duas escolas da rede particular de ensino da cidade de Campina Grande, Paraíba. Buscou-se fundamentação teórica em diversos autores, assim como análise da percepção das docentes quanto a essa questão. Foi observado durante a pesquisa que a família não tem interesse conversar sobre gênero e que existe brinquedos para meninos e outros para meninas, assim como também as brincadeiras. A concordância nesse mesmo contexto foi observados por alguns profissionais na escola. Alguns professores acham que não é importante dialogar sobre gênero na educação infantil, pois acreditam que só vai resultar problemas com a família. Implica perceber que esse modo único e difundido de compreensão é reforçado pelas explicações oriundas das ciências biológicas e também pelas instituições sociais, como a família e a escola, que omitem o processo de construção dessas preferências, sempre passíveis de transformações.

Palavras chave: Meninos, Meninas, Escola.

ABSTRACT

This paper discusses a kind of reflection on the pedagogical practice of early childhood education from moments where toys and games are made present. Talking about the role of schools and teachers regarding the issue of gender. Gender issues were addressed, taking into account the experience in classrooms of two private schools of the city of Campina Grande, Paraíba. He attempted to theoretical basis in several authors, as well as analysis of the perception of teachers on this issue. It was observed during the research that the family has no interest to talk about gender and that there toys for boys and others for girls, as well as the games. The agreement in that context was seen by some professionals in school. Some teachers think it is not important dialogue on gender in early childhood education because they believe that will only result in problems with the family. It implies realize that this unique and widespread way of understanding is reinforced by the explanations coming from the biological sciences as well as social institutions like the family and the school, which omit the process of building these preferences, always subject to change.

Keywords: Boys, Girls, School.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTO 1: Crianças desenvolvendo habilidades com os brinquedos escolhidos – p. 13

FOTO 2: Momento do brincar na turma do Infantil IV (4 anos) de uma escola particular de ensino da cidade de Campina Grande – p.14

FOTO 3: Crianças do Infantil V (5 anos) de uma escola da rede particular de ensino brincando de médico – p. 15

FOTO 4: Crianças do Infantil 5 (5 anos) de uma escola da rede particular de ensino brincando de casinha – P.16

FOTO 5: Crianças dos Níveis IV e V (4 e 5 anos) de uma escola (ESCOLA 2) da rede particular de ensino durante o momento do brincar – p.17

FOTO 6: Crianças dos Níveis IV e V (4 e 5 anos) de uma escola (ESCOLA 2) da rede particular de ensino durante o momento do brincar – p.18

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EI - Educação Infantil

ESMPU - Escola Superior do Ministério Público da União

RCNEI - Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

SUMÁRIO

1.	Introdução	12
2.	Fundamentação Teórica	15
2.1	Identidade de gênero no espaço da educação infantil	15
2.2	Conceituando gênero e sexualidade	18
2.3	Desempenho e aptidões entre meninos e meninas: uma questão de gênero e poder	20
2.4	Educação, gênero e relações escola-família	22
3.	Metodologia	25
3.1	Tipo e análise da pesquisa	25
3.2	Etapas da pesquisa	25
4.	Resultados e Discussão	32
5.	Considerações finais	36
	Referências Bibliográficas	38
	Apêndices	

1. INTRODUÇÃO

Conforme nos aponta FINCO e VIANA (2009, p.271) no artigo Meninos e Meninas na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder,

direito a uma educação infantil de qualidade inclui a discussão das questões de gênero. As relações das crianças na educação infantil apresentam-se como uma das formas de introdução de meninos e meninas na vida social, principalmente porque oferecem a oportunidade de estar em contato com crianças oriundas de diversas classes sociais, religiões e etnias com valores e comportamentos também diferenciados.

A educação infantil não só cuida do corpo da criança, como o educa: ele é o primeiro lugar marcado pelo adulto, em que se impõem à conduta dos pequenos os limites sociais e psicológicos. É o emblema no qual a cultura inscreve seus signos.

Nosso corpo, nossos gestos e as imagens corporais que sustentamos são frutos de nossa cultura, das marcas e dos valores sociais por ela apreciados. O corpo - seus movimentos, posturas, ritmos, expressões e linguagens - é, portanto, uma construção social que se dá nas relações entre as crianças e entre estas e os adultos, de acordo com cada sociedade e cada cultura. Ele é produzido, moldado, modificado, adestrado e adornado segundo parâmetros culturais.

A experiência de meninas e meninos na educação infantil pode ser considerada como um rito de passagem contemporâneo que antecipa a escolarização, por meio da qual se produzem habilidades. O minucioso processo de feminilização e masculinização dos corpos, presente no controle dos sentimentos, no movimento corporal, no desenvolvimento das habilidades e dos modelos cognitivos de meninos e meninas está relacionado à força das expectativas que nossa sociedade e nossa cultura carregam. Esse processo reflete-se nos tipos de brinquedos que lhes são permitidos e disponibilizados: para que as crianças "aprendam", de maneira muito prazerosa e mascarada, a comportar-se como "verdadeiros" meninos e meninas.

No geral, a figura do masculino se apresenta como viril, dotado de força e bravura a fim de proteger e cuidar do que é seu. Enquanto a figura do feminino aparece como algo doce, passivo, dependente dos cuidados da figura masculina, assim como algo também voltado para o lado doméstico. Nos momentos em que o feminino ou masculino foge da "regra", a sociedade (e no caso desse trabalho, os profissionais da ED

(Educação Infantil) e a família) tenta intervir com a finalidade de haver mudança no comportamento da criança, muitas vezes a rotulando e até segregando.

Formar cidadãos, portanto, não é uma tarefa fácil, pois é uma tarefa que envolve muito o subjetivo. E no caso dos educadores torna-se ainda mais difícil uma vez que quando há a proposta de desconstruir concepções a cerca da identidade de gênero ainda presente na sociedade, a família acaba interferindo no sentido inverso ao proposto. Já que a heterossexualidade é via de regra, o padrão estabelecido.

É necessário que tanto a família como a escola (e principalmente os (as) docentes) tenham abertura para conhecer um pouco mais sobre a temática do gênero, e compreendam que independentemente da forma como o sujeito se vê, ele é acima de tudo um ser humano. Que tem o direito de ser respeitado e compreendido como tal, e não como “uma coisa”, “uma doença” no caso de pessoas que se definem como sendo homoafetivas.

Há também a necessidade de compreender que o fato de as crianças durante o brincar adotarem diferentes comportamentos e diversos papéis nas diferentes situações, não implica que sua identidade está fugindo dos padrões ditos normais. E isso se confirma na prática social dos indivíduos, onde estes muitas vezes acabam tendo que realizar papéis concebíveis como sendo do sexo oposto e mesmo assim sua identidade de gênero não sofre mudanças.

Nesse sentido, este trabalho vem fazer uma reflexão a cerca de como as relações de gênero acontecem na Educação Infantil bem como discutir sobre mudanças que devem acontecer para que a identidade de gênero seja trabalhada da melhor forma possível tanto pela escola como pela família.

Como instrumento metodológico o presente trabalho utilizou uma abordagem qualitativa, através da observação participante com a finalidade de apresentar os resultados obtidos, considerando que os objetivos a serem analisados neste trabalho são:

Analisar os brinquedos e brincadeiras no cotidiano da EI (Educação Infantil), verificar o processo de ensino-aprendizagem das professoras em relação com as questões de gênero com as crianças;

Identificar as concepções de “identidade” dos professores da Educação Infantil;

Analisar como as crianças ao brincar, jogar, dançar, expressam seus conceitos de identidade e se identificam com masculino ou feminino, e;

Avaliar qual a contribuição do trabalho pedagógico para a constituição das identidades de gênero no espaço da educação infantil.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Identidade de gênero no espaço da educação infantil

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) no Capítulo II, Seção II Art. 29º. Afirma-nos que “a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. Isso significa que a formação do sujeito enquanto cidadão que respeita e quer ser respeitado seja por seu credo, cultura, opção sexual, ou qualquer aspecto que esteja ligado ao ser social, deve se fazer presente no trabalho pedagógico nas turmas de Educação Infantil.

Isso nos permite concluir que as questões de gênero estão intrinsecamente ligadas a ação pedagógica durante essa etapa da educação, assim como também deve-se fazer presente na educação familiar dos indivíduos que ainda estão em tenra idade.

Devemos considerar que a questão da identidade de gênero é algo que é construído socialmente, e que já nos primeiros anos de vida quando o indivíduo vai à escola, que vários conceitos do que venha a ser de homem ou de mulher começam a ser construídos.

Diversas vezes quando as crianças disputam brinquedos do tipo bonecas ou carrinhos, as professoras intervêm. E, é nesse intervir que idéias do que seja de menino ou de menina, feminino ou masculino começam a ser disseminadas. Muitas vezes privando a criança de aproveitar o que a infância tem de melhor, que é o brincar.

É justamente em frases do tipo “Menino não brinca de boneca”, “Menino não brinca de casinha, nem mexe em cabelo de menina”, “Menina, o deixe pegar o carrinho. Isso é brinquedo de menino! Vá pegar uma boneca!”, que difundem conceitos de identidade de gênero nas crianças ainda tão pequenas. LIMA (2007, p.44 apud SCOOT, 1992, p.44) afirma que:

“todas as palavras têm uma história, são distintos os símbolos, significados e interpretações que se tem a respeito de determinados conceitos e relações. Ignorar este caráter social e historicamente construído pode ser um grande equívoco quando trabalhamos com conceito de gênero, cujo cerne é sair de explicações das desigualdades fundamentadas sobre as físicas e biológicas, afinando seu caráter, social, histórico e político”.

Nesse sentido, percebemos que os conceitos de gêneros são formados a partir da língua. Pois as palavras possuem significados e transmitem conceitos. E é a partir deles que concepções errôneas ou não a cerca desse assunto são formadas. E se disseminadas de forma equivocada (mesmo que de forma não intencional), podem ocasionar na destruição de vidas. Uma vez que o fato de se perceber homo, hetero ou bissexual, e de se assumir como tal, muitas vezes acontece de forma traumática, principalmente nos casos de pessoas homo afetivas.

Daí a necessidade do cuidado com o conduzir das palavras no espaço escolar, e mais especificamente em turmas de educação infantil, uma vez que elas podem gerar estereótipo de pessoas, e a concepção de determinadas “verdades absolutas” no que se refere ao gênero. Considerando também, que as situações-problema onde concepções discriminativas acontecem são principalmente em momentos onde há a presença de brinquedos e/ou brincadeiras.

Assim nos aponta LIMA 2007 (p. 47),

“Portanto, é necessário o empenho do professor e da professora na educação infantil para a desconstrução da lógica desses limites de tratamento dado pela legislação, planos e programas nos âmbitos federal, estadual e municipal ao se tratar das relações de gênero no sentido contemplativo das políticas públicas de educação. Questionar a presença de estereótipos de gênero e refletir sobre o modo velado, ambíguo e, às vezes reducionista que os significados de gênero vêm assumindo nos textos dos documentos oficiais observados”.

Percebemos assim, que a questão do respeito à identidade de gênero de qualquer pessoa perpassa a lógica do âmbito social, e passa pelo cenário político, uma vez que todo cidadão tem direito de ser respeitado, independentemente de sua opção sexual.

Vale ressaltar também que o sujeito pós-moderno assume diferentes identidades nas diversas situações. Muitas vezes o homem acaba tendo que realizar papéis ditos como sendo da mulher, e a mulher acaba tendo que realizar diversos papéis que são concebidos como sendo do homem.

Exemplo dessas situações é quando vemos jovens (homens) que saem de casa para morar sozinhos, e acabam tendo que lavar roupa, louça, cuidar da higiene da casa, fazer comida, etc. Ou até mesmo pais que não trabalham, e acabam tendo que tomar de conta da casa e ainda cuidar dos filhos. Há ainda o exemplo das mulheres que saem para trabalhar, muitas vezes em atividades que exigem grande esforço físico (como ajudantes de pedreiro, garis, entre outras) e acabam não dando conta dos afazeres domésticos. Mas

isso não implica na mudança da identidade de gênero. Pois essa identidade não se forma ao realizar atividades típicas de homem ou de mulher.

Do mesmo modo, a criança apresenta atitudes diversas, em diferentes situações. HALL (2006, 11^a ed., p. 2-3) afirma que,

“(...) o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). E definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu" (veja Hall, 1990). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente.”

Assim, portanto, o docente não permitir que crianças brinquem com brinquedos diversos, e expressem sentimentos nas diferentes situações, é ir de encontro à concepção do sujeito pós-moderno discutida por Stuart Hall. É não permitir que a criança se conheça, se perceba como sujeito multifacetado, e mais que isso, é provocar uma possível não aceitação do eu, em caso de uma futura descoberta de um sujeito homo afetivo. Salientando que, não é o fato de a criança brincar disso ou daquilo, que implicará que seu gênero venha a ser “afetado”, gerando mudanças.

Uma das dificuldades enfrentadas ainda no cenário atual por professores, especificamente os da Educação Infantil, é a influência da família na formação dos sujeitos. Ainda hoje, aquela idéia da “fragilidade” da mulher, e do conceito de suas obrigações domésticas, assim como o do homem como um ser “áspero, racional, cheio de atitudes que envolvem a força física” se faz presente.

De modo que a idéia de que as meninas devem brincar de boneca, de casinha, já remete ao conceito da mulher, sexo frágil, mãe de família, que vive para cuidar da casa e dos filhos. E dos meninos que brincam de carrinho, com bonecos (botando-os pra lutar fisicamente), que são os super-heróis, que joga futebol, nos remete ao conceito de homem másculo, que detém o poder dentro da hierarquia familiar. Enfim, a forma como os brinquedos e as brincadeiras são conduzidos na infância, são na verdade, reproduções

de estereótipos de gênero e de família que a sociedade impõe, mesmo com os avanços ocorridos no que se refere a esta temática.

2.2 Conceituando gênero e sexualidade

Embora a questão do gênero não ser algo novo para as ciências humanas e para a filosofia, o conceito de gênero é alvo de discussões diversas. Uma vez que ela muda de acordo com o cenário cultural, de acordo com a época.

Segundo o Dicionário de Direitos Humanos da ESMPU, termo “gênero” passou a ser utilizado a partir da década de 80 pelas feministas inglesas e americanas, na luta pela igualdade de sexo, e pelo fim da discriminação, da opressão sofrida pelas mulheres. Sendo que no Brasil, esse termo passou a ser utilizado já no fim dos anos 80, também utilizado com o sentido usado pelas inglesas e americanas.

O jamaicano Stuart Hall (1932-2014) em seu livro *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*, nos aponta três tipos de identidade no ser humano moderno, a saber, o sujeito do Iluminismo, o sujeito Sociológico e o sujeito pós-moderno. No que se refere ao sujeito do Iluminismo, o autor aborda que este,

“estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo — continuo ou "idêntico" a ele — ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. Direi mais sobre isto em seguida, mas pode-se ver que essa era uma concepção muito "individualista" do sujeito e de sua identidade (na verdade, a identidade dele: já que o sujeito do Iluminismo era usualmente descrito como masculino)” (Hall, 2005, p.10).

Quanto ao sujeito Sociológico, ele afirma que

“A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior"— entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando- os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis “ (Hall, 2005, p.11-12).

Já no que se refere ao sujeito Pós-moderno HALL (2005, p.13) afirma que

“O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.”

Compreende-se então, que no primeiro caso, o sujeito é dotado da razão. É um sujeito centrado. No segundo caso, a identidade do sujeito é formada a partir das relações sociais. Já no terceiro caso, HALL (2005) nos mostra que o sujeito não possui uma identidade fixa. Ela muda de acordo com as situações. Por tudo isso, percebemos a existência de diversas discussões quanto à identidade.

Luciane Knüppe em seu artigo A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL, na página 4, cita Guizzo (2003) dizendo que,

“O conceito de gênero não é de uma essência natural, universal de masculino e feminino, segundo a autora, diz respeito a processos de construção histórica e lingüística socialmente determinados. A sexualidade deve ser vista como construção social. A autora destaca que além do suporte biológico, a sexualidade deve ser entendida de acordo com o contexto histórico, político e cultural”.

Fica entendido então, que a questão do gênero é algo que é socialmente construída, e que a não aceitação das identidades das pessoas, é também a não aceitação do sujeito como ser humano. E que, como as autoras nos apontam, a questão da sexualidade, e, portanto, da opção sexual é algo que vai além da questão biológica. Sendo também algo que se constrói socialmente na relação entre os indivíduos. Descartando a idéia antiquada e equivocada de que a sexualidade é algo que faz parte do biológico das pessoas. Mesmo que essa concepção ainda esteja presente na mentalidade de muitas pessoas, inclusive de profissionais da educação infantil.

A sexualidade faz parte da “humanização do homem” como nos mostra MANGLOD (2013, p.3). E são os pais quem primeiro imaginam a sexualidade da criança. Mesmo antes de elas nascerem, eles já criam expectativas quanto a sua sexualidade.

FINCO (2003, p.95-96) nos mostra que,

“(…) é muito freqüente, ainda, que meninos e meninas, ao demonstrarem comportamentos não apropriados para seu sexo, causem preocupação e sejam motivo de incômodo e dúvidas para profissionais da educação infantil.

As crianças, capazes de múltiplas relações, estão a todo momento experimentando diferentes formas de brincadeira, buscando novos prazeres, fazendo coisas movidas pela curiosidade e vontade de conhecer o mundo. Na medida em que meninas e

meninos transgridem o que é pré-determinado para cada sexo, mostram que a instituição de educação infantil pode apresentar mais uma característica positiva quanto às formas dessas relações: o ambiente da educação infantil pode ser um espaço propício para o não-sexismo. É importante que o profissional que trabalha na educação de crianças pequenas tenha consciência deste potencial, para, desse modo, repensar sua prática educativa.”

Voltamos a lembrar assim, da necessidade e do cuidado que o professor deve ter em sua prática e em seu discurso em sala de aula, para não acabar influenciando e/ou contribuindo para a formação de cidadãos estereotipados por conta de sua identidade de gênero. E mais ainda, para que as crianças na sua relação entre si, durante momentos diversos, incluindo o momento da brincadeira não acabem oprimindo os seus colegas, por conta de alguma atitude “contraditória” ao que lhes foi ensinado

2.3 Desempenho e aptidões entre meninos e meninas: uma questão de gênero e poder

Como temos mencionado nesse trabalho, a discussão sobre gênero permeia as ciências sociais, a filosofia e diversas instâncias da sociedade, inclusive a escola e a família. E que a formação da identidade dos sujeitos é formada nas suas relações sociais. E, portanto, que pais e professores explicita ou implicitamente contribuem na formação das crianças.

“Aprender a ser menino ou menina, eis uma das questões primordiais da condição humana. Aprender a ser menino ou a ser menina às vezes provoca frustrações, angústias, pela maneira como os modelos de masculinidades e de feminilidade são ensinados, no mundo Ocidental (na cultura). Como a escola, não é uma ilha isolada do mundo, as expectativas de gênero, não só são incitadas em seu espaço, mas emergem do olhar da sociedade sobre o gênero” (SCHWHENGBER, 2009, p.1).

O que temos percebido é que tanto um como o outro (pais e professores) tem muitas vezes em seus discursos enfatizado o duelo e a sobreposição do masculino sobre o feminino, assim como também o discurso de não aceitação da alteridade. E que o romper com esses ideais tem sido uma das dificuldades da educação, e mais especificamente, da educação infantil.

FONSECA (2006, p.2) aponta que,

“O processo de “fabricação de sujeitos é continuado e geralmente sutil, quase imperceptível (LOURO, 1998). Exemplos estão implícitos na linguagem que segue regras definidas na gramática e tidas como “naturais” como sempre referir o plural

como masculino. Ou então, brinquedos considerados de meninos que se caracterizam geralmente pela menção ao esporte, priorizando assim as atividades que exijam movimentos amplos, força física, competitividade e uma forte carga de agressão. Já os brinquedos direcionados às meninas caracterizam-se, geralmente, pelo apelo a domesticidade, a maternagem e ao cultivo a beleza, em especial o apego ao mundo doméstico e o incentivo à maternidade, estão intimamente imbricado”.

Esse é um assunto de extrema relevância a ser discutido. Pois a concepção de que os meninos possuem habilidades que sobressaem as das meninas, e que “estes grupos não devem se misturar” tem permitido que a idéia da mulher do lar e do “cabeça da família”, provedor de tudo e detentor de sabedoria perpetue nas gerações seguintes.

Devemos ressaltar também que embora essas concepções estejam firmadas na nossa sociedade, na prática as ações têm sido opostas ao discurso. Hoje existem mulheres que jogam futebol, que trabalham na construção civil, e que são provedoras do lar. Assim como também, existem homens que optaram por ficarem em casa cuidando das atividades domésticas enquanto suas esposas/companheiras trabalham. E existem também pessoas homo afetivas que estão inseridas no mercado em cargos altos.

Percebemos que há uma tendência de propiciar aos meninos brinquedos e brincadeiras que fazem mais uso da motricidade, estimulando a corrida, o pular, saltar, o concertar objetos, etc. Já no caso das meninas, normalmente pais e professores(as) oferecem brinquedos e brincadeiras que estimulam a passividade. São normalmente voltados para a atividade doméstica: brincar de boneca e de casinha.

“As formas de brincar são outros modos de avaliar como as distinções corporais entre os gêneros masculino e feminino vão se constituindo. Costumeiramente os meninos recebem como brinquedos carrinhos, armas, bolas; as meninas recebem bonecas e suas brincadeiras girarão no universo das casinhas de bonecas (panelinha, comidinha, mobília) e elementos em torno do cuidado corporal das bonecas e de si (vestuário, maquiagem, bolsas, calçados, bijuterias). Só recentemente pesquisadores começaram a entender o preço que as meninas pagam por essas distinções nas ofertas dos brinquedos no tocante ao desenvolvimento motor⁶. As crianças internalizam as categorias dos brinquedos destinados a cada sexo, sendo estimuladas a brincarem com este ou aquele determinado brinquedo. Educa-se as crianças com brinquedos como “próprios para um gênero” ou “impróprios ao outro, como feminino (bonecas) e masculino (bolas). Os brinquedos provocam nas crianças reações diferentes. Enquanto os brinquedos dos meninos por exemplo estimulam a correr, saltar, esconder-se, subir, vencer obstáculos, os das meninas reforçam a passividade, fazendo com que elas se atrasem, em relação àqueles no aprendizado das habilidades motoras. Muitos pais usam como método para escolha dos brinquedos o que está socialmente legitimado no mercado como sendo próprio de cada gênero” (SCHWHENGBER, 2009, p.1).

Nesse sentido, os (as) docentes não devem privar a criança do sexo masculino de brincar com brinquedos e/ou brincadeiras que são “típicos” de meninas, e vice-versa.

Pois como já percebemos, ambos os sexos exercem atividades diversas em momentos diferentes, e muitas vezes essas atividades se contrapõe aos valores em questão.

2.4 Educação, gênero e relações escola-família

As concepções a cerca da identidade de gênero é algo que pode mudar de época e de cultura. Percebemos que já houve mudanças quanto a essa questão, no entanto, embora tenha havido mudanças a cerca do que socialmente seja masculino ou feminino, a sociedade atual em sua grande maioria ainda insiste em permanecer com tabus. E a escola e a família são reprodutoras vivas dessas concepções.

De modo que o gênero está ligado à educação não somente no que concerne a relação professor/aluno, aluno/aluno e escola/família. A questão do gênero perpassa pela própria atividade do profissional da educação infantil, que em sua maioria é formada por mulheres.

CASTRO (2010, p.47) citando COSTA (2006, p. 69), aborda que a carreira do magistério

“(...) vem sendo vista como um campo problemático especialmente por suas vinculações culturais e históricas com o gênero feminino. A autora fortalece essa afirmação baseada em seus mais de 20 anos de magistério destacando que a questão do gênero e, mais particularmente, as imbricações do mundo feminino com a atividade do ensino são indissociáveis de qualquer análise que pretenda ter alguma repercussão no campo educacional, particularmente no que se refere à formação de professoras e professores e no que diz respeito à valorização da carreira do magistério.”

Percebemos assim, que o trabalho das professoras de educação infantil foi e ainda é vista como sendo uma atividade típica do gênero feminino. Que remete também a idéia da posição da mulher na sociedade, como aquela cuidadora do lar e dos filhos (neste caso, do cuidar dos pequenos). Sem contar que muitas das professoras escolhem a profissão por ser “algo mais fácil de encontrar no mercado, e de se exercer”.

Neste sentido, atitudes que vão de encontro à concepção da diversidade de gênero permeiam o espaço escolar pelo fato de que a própria atividade da docência ser algo visto como sendo do gênero feminino. Sem contar que a postura de se considerar a identidade heterossexual das crianças é algo que vem das famílias.

Os pais não querem ver suas filhas jogando futebol ou brincando de carrinho. Pelo contrário, os brinquedos que as meninas têm, são geralmente bonecas, ursinhos e/ou brinquedos de casinha (elementos da cozinha, adornos, entre outros). Já no caso dos meninos, para a família (e para boa parte das professoras) é inconcebível que os meninos se maquiem que brinque com bonecas, e até mesmo, que brinquem com as próprias colegas de turma.

As docentes mesmo que de forma não intencional, acabam orientando o comportamento sexual de seus alunos, estereotipando-os. E essas atitudes ocorrem principalmente quando os brinquedos e as brincadeiras estão envolvidos. Frases do tipo “menino não chora”, “menina senta de perna fechada”, “menino não pode colocar maquiagem no rosto”, “não sente na cadeira rosa, pois rosa é cor de menina” (no caso de escolas que separam os alunos de acordo com o gênero, de forma que as mesas e cadeiras são azul/verde para meninos e rosa para meninas), entre outras são atitudes freqüentes. Tanto pela bagagem cultural das professoras, quanto pela falta de formação.

KNUPPE (2004, p.5) nos mostra que

“Estas questões – gênero e sexualidade - normalmente não são discutidas nem exploradas pela escola, as famílias são resistentes a este assunto e o professores não são preparados, nem foram formados para abordar tais questões, sendo elas um tabu no campo familiar e educacional. Desta forma acredita-se, segundo Guizzo (2003), que não abordando estes assuntos a “inocência infantil” será preservada.

Na escola, via de regra, a heterossexualidade é vista como o modelo de comportamento ideal e adequado. Neste contexto, se assume uma postura de estimular tal comportamento e negar a homossexualidade. No entanto, existe uma contradição em tal postura, pois os “jogos sexuais”, que fazem parte da sexualidade humana e contribuem para o estabelecimento da identidade de gênero, são proibidos na maioria das escolas. É esquecido, que a sexualidade “pode ser pensada como uma dimensão fundamental da personalidade” (CECHIN e BERNARDES, 1999, p.70), sendo confundida com “um risco à integridade moral” e “comportamento problemático”.

Com base nisso, percebemos tanto professores (as) como a família precisam caminhar juntas na busca por quebrar tabus existentes na sociedade, a fim de que a verdadeira cidadania seja exercida por todos. Pois permitir que pessoas sejam privadas de assumirem sua sexualidade seja ela qual for, é, portanto, uma atitude anti – social. Até mesmo porque na nossa sociedade homens e mulheres assumem papéis diferentes em várias situações.

“Podemos observar essa transformação em várias situações. Por exemplo, cada vez mais mulheres exercem cargos políticos e administrativos, antes tidos como tipicamente masculinos, e percebemos um movimento muito positivo, ainda que tímido, dos homens avançando para uma busca da sensibilidade e afetividade que não cabia na rigidez dos antigos papéis masculinos. Isso tudo é muito benéfico

porque dá liberdade ao indivíduo de respeitar os seus desejos, realizando-se em atitudes independentes do papel social” (Picazio, 1999, p.23).

Com tudo isso, vem então o questionamento: Por que a família e a escola não permitem “inversões” de papéis entre as crianças, quando na verdade, na vida real isso muitas vezes acontece? Será que realmente não é correto permitir os meninos brincarem de boneca ou de casinha, e as meninas brincarem de futebol, de carrinho, ou de bonecos?

São questões como essas que tanto a escola como a família precisam refletir, a fim de que não sejam mais formados cidadãos intolerantes e preconceituosos. Mas que, a prática da tolerância e do respeito ao outro, que muitas vezes tem identidade e cultura diferente da dita “normal” venha de fato à existência.

3. METODOLOGIA

3.1 Tipo e análise da pesquisa:

A pesquisa realizada foi de abordagem qualitativa. Para tanto, inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico a fim de fundamentar aquilo que consideramos relevantes no que se refere a como a questão do gênero é trabalhada na Educação Infantil, e mais especificamente, como isso ocorre durante o brincar.

Em seguida, foi realizada uma pesquisa qualitativa através de questionário e entrevistas, com o intuito de observar e avaliar a concepção das professoras quanto ao tema abordado neste trabalho. Assim como também, observar a sua prática (pois muitas vezes o discurso se difere da prática).

Os dados foram coletados em duas escolas particulares da cidade de Campina Grande, Paraíba, por meio de observações nas turmas de educação infantil, de forma mais específica, em turmas com crianças com faixa etária entre quatro e cinco anos, e de entrevistas e da realização de um questionário com as professoras titulares dessas turmas.

A ESCOLA 1 está situada no bairro do Jardim Paulistano, e atende da Educação Infantil ao Ensino Fundamental. Já a ESCOLA 2 está situada no bairro São José, e atende apenas a Educação Infantil, funcionando também com a educação em tempo integral.

As observações foram escritas em cadernos de anotações, a qual foi escolhida pelas suas características de flexibilidade.

No tocante a questão do gênero, e mais especificamente de como os brinquedos e brincadeiras influenciam ou não na formação da identidade dos sujeitos, foi feito um questionário de sondagem em duas escolas da rede particular de ensino durante o turno da tarde, em turmas com crianças com faixa etária entre quatro e cinco anos.

3.2 Etapas da pesquisa:

Inicialmente, foi realizado um questionário com as professoras titulares das turmas do Pré I e II (que equivale ao antigo Jardim I e II, onde a faixa etárias das crianças variam entre quatro e cinco anos). O questionário com as respostas das docentes encontram-se no Anexo I.

Em seguida, foi realizado um trabalho de campo, no qual a observação participante foi à metodologia utilizada a fim de que pudessem ser atingidos os objetivos desse trabalho. “Dessa forma, entendemos que esse instrumento poderia ser utilizado para descrever e analisar a realidade vivenciada, viabilizando a compreensão dos espaços, lugares e pessoas que constroem diariamente a educação infantil em nosso estado” (ZOGAIBE e AZEVEDO, 2014, p.7).

A foto a seguir, apresenta o momento do brincar na turma do Infantil 4 (4 anos) na Escola 1, particular da Cidade de Campina Grande



FOTO 1

Arquivo pessoal: Crianças desenvolvendo habilidades com os brinquedos escolhidos

Normalmente as meninas são mais tranquilas que os meninos. As meninas falam muito e os meninos são mais agitados assim com o corpo. As classes com mais meninos são mais agitadas. As meninas, são chamadas pelas professoras de princesas, então é uma relação mais meiga, mais doce mesmo. E os meninos são os rapazes mais ativos, gostam de correr, de pular, não param quietos no lugar. Como verifica-se na foto 1 a roda de conversas com as crianças dialogarem sobre os brinquedos e brincadeiras de suas preferências, ficou claro que a maioria dos meninos preferiam brinquedos de ação, montagem, mais agressivo, de armas, os vingadores eram mencionados o tempo inteiro e as meninas com exceção de uma apenas, que gostava dos brinquedos dos meninos, principalmente de carro de polícia. De uma forma geral as meninas gostam de brinquedos relacionados às bonecas tipo Barbie, que pode trocar roupas, pentear o cabelo e também adoram brincar de casinha com bonecas bebê. Estas preferências pelos

brinquedos mencionados, se dá pelo fato de os pais “adestrarem” as crianças a cerca do que seja feminino ou masculino.



FOTO 2

Arquivo pessoal: Momento do brincar na turma do Infantil IV (4 anos) de uma escola particular de ensino da cidade de Campina Grande

Durante a acolhida a professora distribui brinquedos entre as crianças, a fim de promover a socialização entre os sujeitos. Ela opta por distribuir jogos de encaixe, onde ambos os sexos podem brincar sem que haja disputa por brinquedos ou até mesmo casos de preconceito por causa da utilização de alguns brinquedos por parte de algumas crianças.

Ainda assim, percebemos na imagem acima que alguns alunos brincam com brinquedos “típicos do seu sexo”. Percebemos ainda, a passividade de algumas meninas durante esse momento, enquanto meninos brincam de montar carrinho e de moto voadora.

Nessa turma, a maioria dos pais não permite que seu (sua) filho (a) brinque com brinquedos que não estejam de acordo com os padrões estabelecidos na sociedade. E mais que isso, que meninos brinquem com meninos, e meninas brinque com meninas.

As duas fotos seguintes foram retiradas na turma do Pré II (que na escola é chamada de Infantil V). Iremos perceber discrepância entre as turmas no que se refere a questão da identidade de gênero durante o brincar.



FOTO3

Arquivo pessoal: Crianças do Infantil V (5 anos) de uma escola da rede particular de ensino brincando de médico

A partir da compreensão por parte da professora de que não existem brinquedos e brincadeiras de menino ou de menina, mas que existem brinquedos e brincadeiras apenas, o trabalho com os alunos no que se refere à questão do gênero, acontece de fato, com resultados eficazes, como nos mostra a foto acima. Enquanto a professora organiza os materiais (agendas e cadernos) para as crianças levarem pra casa, os alunos brincam a vontade com brinquedos diversos. Meninos brincam com meninas, e ambos brincam tanto com brinquedos que são tidos como sendo pertencente a seu sexo (menino ou menina), quanto com brinquedos que são considerados como sendo do sexo oposto.

Na figura 3, percebemos a presença de meninos e meninas brincando juntos de médico. Percebemos a figura da mãe, do pai, da filha, do pediatra, do enfermeiro, etc. A brincadeira aconteceu de forma natural, e os próprios alunos escolheram os brinquedos que queriam utilizar.



FOTO 4

Arquivo pessoal: Crianças do Infantil 5 (5 anos) de uma escola da rede particular de ensino brincando de casinha

Considerando que nesta turma a professora permite que as crianças vivenciem diferentes papéis durante o brincar, as crianças se sentem a vontade para usar a imaginação e brincarem daquilo que estão com vontade. Neste momento as crianças também estão brincando de médico, contudo, os papéis se inverteram. A menina faz o papel da médica, e o menino, a figura do pai. Vemos a menina segurando o estetoscópio, um menino segurando a tiara da boneca (que representa a criança), o menino segurando a boneca.

Nesta turma, algumas crianças preferem brincar com seus brinquedos, os quais são trazidos de casa. Porém elas não resistem, nem demonstram estranheza em ver seu colegas brincando de forma atípica ao que normalmente acontece em turmas de EI (Educação Infantil), que são meninas brincando de casinha ou boneca, e meninos com bonecos, carrinhos, jogos de montar, etc.



FOTO 5

Arquivo pessoal: Crianças dos Níveis IV e V (4 e5 anos) de uma escola (ESCOLA 2) da rede particular de ensino durante o momento do brincar

Nesta imagem percebemos a predominância de meninos brincando entre si, assim como a predominância de peças de um jogo de encaixe, o qual, trata-se de um jogo que trabalha bem o cognitivo da criança. Nesta ocasião, os meninos que estavam brincando com brinquedos ditos de menino, pararam a brincadeira e passaram a observar o túnel que dois de seus colegas estavam construindo, a fim de aprenderem a fazer um também.

Essas crianças costumam brincar com crianças do mesmo sexo que as delas, neste caso, o sexo masculino. Algumas vezes, quando meninas se aproximam para interagir eles se fecham dizendo que não querem brincar com elas, dizendo que elas são chatas.

Pudemos perceber que as crianças já chegam à escola carregando uma bagagem cultural estereotipada a respeito de determinados assuntos. A visão de que meninos brincam com meninos, e meninas brincam com meninas, se faz presente em algumas das crianças. Quando ocorre esse tipo de situação a professora “não força” a criança a brincar com a outra.



FOTO 6:Arquivo pessoal

Crianças dos Níveis IV e V (4 e5 anos) de uma escola (ESCOLA 2) da rede particular de ensino durante o momento do brincar

Os meninos brincam entre si, mas há a presença de uma menina na mesa. Contudo observamos que a menina está sentada um tanto afastada dos meninos. Os meninos brincam entre si com carrinho e jogos de encaixe.

Quando as meninas procuram brincar com os mesmos brinquedos que eles, os mesmos as “repreendem” dizendo que carrinho é coisa de menino. Os meninos geralmente brincam com as meninas durante a recreação, onde há brincadeiras de correr, pular, etc. Mas durante o brincar em sala de aula, normalmente meninos brincam entre si, e as meninas do mesmo jeito. Embora haja algumas crianças que não se importam em brincar com outras do sexo oposto, nem com brinquedos diversos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste questionário, foram feitas cinco perguntas, a saber:

Você acha que existem brinquedos de menino e brinquedos de menina? ;

Você acha que existem brincadeiras de meninos e brincadeiras de meninas? ;

Você acha que menino pode brincar de boneca e de casinha? ;

Você permite que seus alunos brinquem de boneca, e suas alunas de carrinho e/ou super-heróis? ;

Você acha que meninos que brincam de boneca, e meninas que brincam de super-heróis e de carrinho serão possíveis pessoas homo afetivas? .

Em uma das escolas na turma com crianças de faixa etária de quatro anos, a professora respondeu que acredita existir brinquedos de meninos e brinquedos de meninas, mas no caso das brincadeiras, estas são para ambos os sexos. Respondeu também que os meninos podem brincar de boneca, mas que não permite que seus alunos brinquem. Já quanto ao fato de meninos brincarem com brinquedos típicos de meninas e vice-versa, a professora respondeu que esse fator não contribui para que estes (meninos e meninas) sejam possíveis pessoas homo afetivas.

Vemos, portanto, que o discurso acaba sendo contraditório. Uma vez que se acredita que crianças podem brincar com brinquedos típicos do sexo oposto, no entanto não permite que seus alunos brinquem. Além do fato, de que a mesma como a maioria das pessoas, acredita existir brinquedos de menino e brinquedos de menina, e não apenas brinquedos.

Contudo, durante uma entrevista realizada com esta professora, a mesma respondeu que no que dependesse de sua vontade as crianças brincariam com o brinquedo que desejassem, pois ela acredita que o fato de um menino brincar com um brinquedo tido como sendo do sexo feminino e vice-versa não interfere na formação da

identidade de gênero do sujeito. Ou seja, isso não significa dizer que o sujeito será homo afetivo por conta disso.

O que ocorre, é que os pais das crianças não permitem que eles brinquem com brinquedos ou participe de brincadeiras que vão de encontro com o que a sociedade acredita que seja o padrão, que é menino brincar de “coisa de menino” e menina brincar de “coisa de menina”. *A professora relatou que a questão do gênero vai além do brincar. Ela expôs que uma vez, um de seus alunos foi abraçar seu colega de turma para ir embora pra casa, mas sua mãe o repreendeu dizendo que ele não deve abraçar menino. Que ele deveria abraçar as meninas.*

Já na turma com crianças com faixa etária de cinco anos, a professora titular falou que *acredita que não existem brinquedos de meninos e brinquedos de menina, mas ela respondeu que sim (existe), só pelo fato de isso ser algo que a grande maioria das pessoas acredita.* Quanto ao fato de existir brincadeiras de meninos e de meninas, ela respondeu *que não, que acha que existem apenas brincadeiras.* Respondeu que permite que seus alunos brinquem de boneca, e suas alunas de carrinho ou de super-heróis, e que ocasiões como essa ocorre em sua sala de aula. Além disso, a professora disse : *não acredito que o fato de meninos brincarem de boneca e meninas brincarem com brinquedos “típicos” de meninos, não significa dizer que eles serão possíveis pessoas homo afetivas.*

Nesse sentido, percebemos que a professora permite que seus alunos assumam diversos papéis nas brincadeiras, possibilitando a eles vivenciarem a diversidade sem um olhar preconceituoso. Até mesmo por que, como temos mencionado nesse trabalho, os indivíduos de hoje assumem papéis diversos em diferentes situações.

A professora põe em prática o que o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) em seu segundo volume nas páginas 41 e 42 orienta. A saber,

“No que concerne a identidade de gênero, a atitude básica é transmitir, por meio de Silvana Augusto ações e encaminhamentos, valores de igualdade e respeito entre as pessoas de sexos diferentes e permitir que a criança brinque com as possibilidades relacionadas tanto ao papel de homem como ao da mulher. Isso exige uma atenção constante por parte do professor, para que não sejam reproduzidos, nas relações com as crianças, padrões estereotipados quanto aos papéis do homem e da mulher, como, por exemplo, que à mulher cabe cuidar da casa e dos filhos e que ao homem cabe o sustento da família e a tomada de decisões, ou que homem não chora e que mulher não briga”.

Quanto a professora da turma com crianças com faixa etária entre 4 e 5 anos da segunda escola analisada, respondeu: *que acredita que existem brinquedos de meninos e brinquedos de menina e também acha que não existem brincadeiras para cada sexo, e que permite que seus alunos brinquem com brinquedos ditos do sexo feminino, e que suas alunas com brinquedos ditos do sexo masculino. Além disso, a professora contestou que permite que seus alunos brinquem de boneca, e suas alunas de carrinho e/ou de super-heróis, e que o fato das crianças brincarem com brinquedos tidos como “de menino” ou “de menina” não significa que estas sejam futuras pessoas homoafetivas.*

Desta forma, a professora citada acima age de maneira um tanto contraditória, já que acredita que existem brinquedos de meninos e brinquedos de meninas, no entanto, em sua prática, ela adota uma postura que não está de acordo com o que propõe o RCNEI, assim como também o que nos aponta os autores mencionados neste trabalho.

Em outro momento, foi sentida a necessidade de saber um pouco mais sobre como a questão do gênero acontece no espaço da sala de aula.

Para tanto, foi realizado outro questionário, onde foi pedido que a professora desta turma respondesse os seguintes questionamentos: na sua turma os meninos costumam brincar com quais brinquedos? E as meninas?, Durante a acolhida, quais os brinquedos que as crianças costumam brincar? Você que os distribui, ou as crianças que escolhem?, Os meninos costumam brincar com as meninas? Como você trabalha o brincar com as crianças?.

A professora respondeu *que os meninos costumam brincar de carrinho e de bonecos, e as meninas costumam brincar de boneca e também que normalmente as crianças brincam com jogos de montar, e apenas nas sextas-feiras elas brincam com brinquedos trazidos de casa. Além disso, a professora mencionou que são as crianças que escolhem o que querem brincar, e que ela costuma permitir que todas as crianças brinquem juntas, embora algumas meninas não queiram brincar com meninos (ocorre o inverso também, conforme observado), mas que não ocorre o esforço em fazer com que essas crianças interajam.*

O RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil) em seu segundo volume na página 42, afirma que,

“Todavia, mesmo quando o ambiente é flexível quanto às possibilidades de exploração dos papéis sociais, os estereótipos podem surgir entre as próprias crianças, fruto do meio em que vivem, ou reflexo da fase em que a divisão entre meninos e meninas torna-se uma forma de se apropriar da identidade sexual. A observação e sensibilidade do professor são ingredientes fundamentais para identificar as diferentes situações e ter clareza quanto aos encaminhamentos a serem dados.”

Sendo assim, percebemos a necessidade desta professora buscar alternativas para lidar com questões como essa tanto em sala de aula, quanto na relação com a família. Uma vez que conforme tudo o que foi abordado ao longo deste trabalho, os professores mesmo que tenham um olhar crítico com relação a situações que envolvem a identidade de gênero, e em especial, durante o brincar, precisam sair da zona de conforto e dar um basta na omissão que muitas vezes permeia as salas de aula da EI (Educação Infantil).

Adotando um olhar avaliativo, percebemos que a maioria das professoras entrevistadas (duas delas), ainda tem em sua mente tabus que vem sendo perdurados ao longo dos anos quanto a questão do gênero, mesmo que em um dos casos a professora adote uma postura diferente.

Além disso, percebemos também que no geral as docentes não buscam adotar medidas que vise à mudança quanto as questões ligadas a identidade de gênero. Seja por achar que não há necessidade de intervir em questões como essa, seja pelo fato de por saber que as famílias são resistentes a mudança, acaba optando por deixar a situação da forma como se encontra, ao invés de buscar alternativas para, através da parceria escola/família tentar romper com o padrão estereotipado de pessoas que a sociedade impõe.

E foi justamente por perceber que as docentes da nossa sociedade têm adotado posturas como essas que este trabalho foi escrito. Com a finalidade de permitir que por meio do que foi escrito, elas possam ir tomando consciência de como concepções preconceituosas tem contribuído para a destruição da formação da identidade dos indivíduos, que hoje são apenas crianças, mas que serão os futuros cidadãos da nossa sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Precisamos considerar que a necessidade de o (a) professor(a) da Educação Infantil tem de buscar um novo olhar sobre a questão do gênero é um fato. Conceitos ainda hoje tidos como certo ou errado quanto a essa temática se fazem presente nas salas de aula da EI (Educação Infantil). Professores (as) e famílias têm instruído crianças a cerca do que seja feminino ou masculino de forma equivocada. Meninos e meninas têm aprendido que o masculino é a figura do forte e que o feminino é representado pela fragilidade. E, além disso, que qualquer atitude que fuja dos padrões tidos com normais deve ser extintos da sala de aula, bem como do dia a dia das crianças.

De acordo com o que foi apresentado nesse trabalho, podemos perceber que tanto a família como o corpo docente das escolas da atual sociedade, e de forma mais específica, da Educação Infantil, necessitam de buscar apoio e informações para saber como lidar com as questões de gênero com crianças pequenas. Precisam também, romper com tabus presentes na sociedade, a fim de não sejam mais formados cidadãos intolerantes e preconceituosos para com o outro. Mas que devemos considerar a pluralidade como algo normal. Afinal, nós humanos, somos iguais e diferentes, mas ainda assim, somos humanos.

Sabemos que esse é um dos desafios que escola e família precisam enfrentar juntas. Uma fazendo a parceria com a outra. Para assim, quem sabe, a geração futura apresente diferencial da nossa geração.

A escola é um lugar onde deve prevalecer a igualdade e o conhecimento. Nesse sentido, a escola deve buscar adotar ações pedagógicas com a finalidade que as crianças sejam educadas a conviver com o outro, com o diferente. E que acima de tudo, com o respeito entre as pessoas.

Além disso, ações voltadas para as múltiplas identidades que os sujeitos assumem ao longo da vida, faz-se imprescindível. E no caso das salas da ED, essas ações devem ocorrer durante o brincar, já que este é o momento onde as crianças expressão sentimentos, usam a imaginação, e até mesmo expressam simpatia ou apatia por algo.

As famílias também devem buscar romper com idéias equivocadas quanto a faminilidade ou a masculinidade, e buscar proporcionar as crianças vivências onde elas

possam manifestar atitudes e papéis diversos em suas brincadeiras. Assim como também, possibilitar que o brincar aconteça de forma natural seja com qualquer tipo de brinquedo ou brincadeira. Pois na verdade, não existem brinquedos de menina ou brinquedos de menino, mas apenas brinquedos.

Sabemos que muitos pais e professores tem adotado posturas diferentes, onde o momento do lúdico acontece de forma espontânea, e onde há a possibilidade de as crianças vivenciarem momentos e papéis diversos durante o brincar. E, momentos como esses são imprescindíveis na formação dos pequenos. Pois é através deles e com a mediação de professores e da família, que cidadãos capazes de enxergar com outro com um olhar não preconceituoso, com a concepção que durante a nossa vida iremos adotar papéis diversos em diferentes situações, mas que isso não acarretará mudanças a cerca de como nos vemos, da nossa opção sexual.

Nesse sentido, atendimentos educacionais para os alunos e para as famílias se fazem necessário nas instituições educacionais, a fim de que através da parceria escola-família, busquemos oportunizar a ambas as partes uma formação diferenciada quanto a questão da identidade de gênero, que é alvo de muitas discussões na sociedade atual, e possibilitemos uma melhor formação para a futura geração.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96**. Brasília : 1996. Retirado de <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>, acesso em 09/06/2015.

CASTRO, N.M. . **Algumas considerações acerca da identidade de gênero e sexualidade na educação infantil**. EntreLetras (Online), v.4, p.35-47, 2012.;

CASTRO, Nilsandra Martins de. **Representações de Identidades de Gênero e de Sexualidade nos Discursos de Professores de Educação Infantil** / Nilsandra Martins de Castro. - Campinas, SP : [s.n.], 2010. ;

FINCO, Daniela. **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil**. In: **Pro-posições**. Campinas: v.14, n.3 (42), set./dez. 2003. p.89-101.;

FONSECA, A.D; GOMES, Vera Lúcia de Oliveira; GHILIARDI, T.D; CAVALCANTE, F.F; VETORELLO, J.S. . **A visão das Professoras na Abordagem de Gênero e Sexualidade**. In: **A visão das professoras da pré-escola na abordagem de gênero e sexualidade**, 2006, Florianópolis. Seminário Internacional fazendo gênero 7, gêneros e preconceito. Florianópolis: Editora mulheres, 2006. ;

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.;

KNÜPPE, L. ; VIANNA, P. M. ; MARCON, R. J. . **A Construção da Identidade de Gênero na Educação Infantil**. In: V ANPEd Sul: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2004, Curitiba. Anais 2004 - V ANPEd Sul. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004. v. 1.;

LIMA, L. F. A. . **A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRINCÍPIOS DE IGUALDADE RECONHECIDOS NAS DIFERENÇAS**. Revista Fórum Identidades , v. 1, p. 43-47, 2007.;

PICAZIO, Cláudio. **Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade**. São Paulo. Summus Editorial Ltda, 1999, p. 19-27.

SCHWENGBER, M. S. V. . **Meninas e meninos apresentam desempenho motor distinto? Por quê?**. Lecturas Educación Física y Deportes, v. 1, p. 1, 2009. Retirado do site <http://www.efdeportes.com/efd131/meninas-e-meninos-apresentam-desempenho-motor-distinto-por-que.htm>, em 07/06/2015;

VIANNA, Cláudia, FINCO, Daniela. **Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder**. *Cad. Pagu*[online]. 2009, n.33, pp. 265-283. ISSN 0104-8333, retirado de <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n33/10.pdf>, acesso em 07/06/2015;

ZOGAIB, Simone Damm; AZEVEDO, A.M.L. . **Formação Docente, pesquisa participante e práticas de estágio: encontros na educação infantil.**, In: IV Seminário de Grupos de Pesquisa sobre crianças e infâncias, 2014, Goiânia. ANAIS do GRUPECIE, 2014. Retirado de <http://www.grupeci.fe.ufg.br/up/693/o/TR60.1.pdf>, em 09/06/2015;

<http://www.polispesquisa.com.br/qualitativa.php>, acesso em 11/06/2015.

APÊNDICES

Apêndice A – Questionários de sondagem na turma do Infantil IV de uma escola particular da cidade de Campina Grande (ESCOLA 1)

Questionário de sondagem

1. Você acha que existem brinquedos de meninos e brinquedos de menina?

SIM NÃO

2. Você acha que existem brincadeiras de meninos e brincadeiras de meninas?

SIM NÃO

3. Você acha que menino pode brincar de boneca e de casinha?

SIM NÃO

4. Você permite que seu alunos brinquem de boneca, e suas alunas de carrinho e/ou super-heróis?

SIM NÃO

5. Você acha que meninos que brincam de boneca, e meninas que brincam de super-heróis e de carrinho serão possíveis pessoas homo afetivas?

SIM NÃO

Apêndice B - Questionários de sondagem na turma do Infantil V de uma escola particular da cidade de Campina Grande (ESCOLA 1)

Questionário de sondagem

1. Você acha que existem brinquedos de meninos e brinquedos de menina?

SIM NÃO

2. Você acha que existem brincadeiras de meninos e brincadeiras de meninas?

SIM NÃO

3. Você acha que menino pode brincar de boneca e de casinha?

SIM NÃO

4. Você permite que seu alunos brinquem de boneca, e suas alunas de carrinho e/ou super-heróis?

SIM NÃO

5. Você acha que meninos que brincam de boneca, e meninas que brincam de super-heróis e de carrinho serão possíveis pessoas homo afetivas?

SIM NÃO

Apêndice C - Questionários de sondagem na turma do Infantil IV e V de uma escola particular da cidade de Campina Grande (ESCOLA 2)

Questionário de sondagem

1. Você acha que existem brinquedos de meninos e brinquedos de menina?

SIM NÃO

2. Você acha que existem brincadeiras de meninos e brincadeiras de meninas?

SIM NÃO

3. Você acha que menino pode brincar de boneca e de casinha?

SIM NÃO

4. Você permite que seu alunos brinquem de boneca, e suas alunas de carrinho e/ou super-heróis?

SIM NÃO

5. Você acha que meninos que brincam de boneca, e meninas que brincam de super-heróis e de carrinho serão possíveis pessoas homo afetivas?

SIM NÃO

Apêndice D – Questionário realizado com a professora da turma dos Níveis IV e V da ESCOLA 2

* Na sua turma os ^(J) ^(O) meninos costumam brincar com quais brinquedos? E as meninas?
meninos - bonecos e carrinho e meninas bonecas.
Eles sempre brincam com fogos de morteiro, apenas ^{na sexta} que é diferente eles trazem os brinquedos de casa.

* Durante a acolhida, quais os brinquedos que os crianças costumam brincar? Você quem os distribui, ou as crianças que escolhem?
Eles escolhem o que querem brincar e eu entrego para brincar.
E fogos.

* Os meninos costumam brincar com as meninas?
Como você trabalha o brincar com as crianças?
Sempre costumo deixar que todos brinquem juntos, mas algumas meninas não brincam com os meninos por preferência e eu não forcei, o mesmo acontece com alguns meninos.
- no brincar costumo fazer com que todos participem, procurando sempre brincadeiras divertidas e coletivas.